

## **SOCIABILIDADE RURAL: A UTILIZAÇÃO DA *MINI-FAZENDA* COMO AMBIENTE EDUCATIVO PARA VIVENCIAR O ESPAÇO E AS PRÁTICAS RURAIS SUSTENTÁVEIS<sup>1</sup>**

*Sociability rural: using the mini-farm educational environment how to experience the rural area and practices sustainable*

Délcio César Cordeiro Rocha, Guélmér Junior Almeida Faria

**Resumo:** O presente artigo teve por objetivo mostrar a *Mini-Fazenda* como ambiente educativo para vivenciar o espaço e as práticas rurais. Para tanto, utilizamos um levantamento bibliográfico sobre sociabilidade rural, processo ensino aprendizagem e espaços não-escolares. A metodologia concatena-se com a pesquisa-ação e observação participante, com o intuito de uma maior interação com a realidade estudada. Os resultados apontam para uma nova construção de visões e significados sobre a sustentabilidade socioambiental e convivência com o rural. No caso da *Mini-Fazenda* enquanto um espaço da vida cotidiana, esse representa um local onde as formas de sociabilidade estão articuladas com a solidariedade e uma interação coletiva gerada por ações sustentáveis.

**Palavras-chave:** espaços não-escolares, extensão, processo ensino-aprendizagem.

**Abstract:** This article aimed to show the Mini - Farm as an educational environment to experience the space and rural practices. Therefore, we use a literature on rural sociality, learning process and non- school spaces. The methodology was concatenate with action research and participant observation, in order to more interaction with the reality studied. The results point to a new building visions and meanings of social and environmental sustainability and coexistence with the rural. In the case of the Mini - Farm as a space of everyday life, this is a place where forms of sociability are articulated with solidarity and collective interaction generated by sustainable actions.

**Keywords:** non-school spaces, extension, teaching-learning process.

### **1 - Introdução**

Pensar em educação na atualidade é redirecionar o ambiente educativo a contextos não escolares. O ambiente educativo pode ser ampliado a vários espaços com a finalidade de vivenciar as espacialidades e as práticas. Nossa sociedade vive um momento da era tecnológica onde os tempos são menores e a escola acaba por reproduzir o velho padrão educacional.

---

<sup>1</sup> Projeto “Aprendendo com os Animais na *Mini-Fazenda*” desenvolvido no Instituto de Ciências Agrárias da UFMG – Campus Montes Claros-MG, Brasil.

Neste contexto, Gonh (2006), afirma que a educação não formal é aquela que se aprende no “mundo da vida”, via processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletiva cotidianas.

Segundo Anelo e Souza (2012), a educação não formal se insere num momento em que é necessário aproximar a escola e o processo de ensino aprendizagem à realidade do educando. Os espaços educativos são ambientes que pertencem à vida dos grupos e indivíduos, em locais informais e externos à escola. Logo, o processo educativo é voltado para os interesses e necessidades dos educandos.

Quando se pensa no ambiente rural tem-se um ambiente com características que as diferenciam dos modos de vida presentes no ambiente urbano, tanto em termos de organização como de valores culturais. Assim, Oliveira (2005) diz que dependendo da organização e das formas de articulação mantidas pelas comunidades rurais, as atividades desenvolvidas nestas despertam a atenção e o interesse dos habitantes do meio urbano.

A educação é uma prática social construída a partir dos saberes que se interagem na diversidade cultural e que proporciona o desenvolvimento dos indivíduos. Existe uma forte ligação entre educação, sociedade e cultura. O ato educativo se dá via contato entre os membros de um grupo do qual a cultura é a expressão maior dessa relação.

Neste sentido, o objetivo deste trabalho foi de mostrar a *Mini-Fazenda* como ambiente educativo para vivenciar o espaço e as práticas rurais. Para tanto, utilizamos um levantamento bibliográfico sobre sociabilidade rural, processo ensino aprendizagem e espaços não escolares. A metodologia concatena-se com a pesquisa-ação e observação participante, com o intuito de uma maior interação com a realidade estudada.

## **2 - Revisão de Literatura**

### **2.1 Sociabilidade rural: o rural, o campo e as ruralidades**

O termo sociabilidade rural foi cunhado para fins de analogia com a interação que se espera do projeto *Mini-Fazenda* com a comunidade urbana. Entende-se que as feiras, as exposições, as festas rurais nas cidades se dão em virtude do resgate desse ambiente rural onde cultura, alimentação, relações sociais e muitas memórias são evidenciados nesse processo de ruralidades. A modernização da sociedade nos espaços locais/rurais tem como fundamento a crescente “paridade social”, isto é, a similitude entre as condições de vida das populações que vivem nas cidades e no meio rural (WANDERLEY, 2000). Logo, pensar na

sociabilidade rural como uma relação entre o campo e a cidade para crianças/adolescentes e público em geral, nos parece viável enquanto promoção e extensão universitária.

A sociabilidade consiste, de acordo com Candido (1964, p. 44), “no agrupamento de algumas ou mais pessoas, mais ou menos vinculadas pelo sentimento de localidade, pela convivência, pelas práticas de auxílio mútuo e pelas atividades lúdicas e religiosas”.

Por tanto, as relações sociais, segundo Mendras (1969) definem como “relações de interconhecimento”, que são resultantes da dimensão e da complexidade restritas das “coletividades” rurais. Destas relações resultam práticas e representações particulares a respeito do espaço, do tempo, do trabalho, da família.

“O reconhecimento de um contínuo cidade/campo não pressupõe o desaparecimento da cidade e do campo como unidades espaciais distintas, mas a constituição de áreas de transição e contato entre esses espaços que se caracterizam pelo compartilhamento, no mesmo território de interesses políticos e econômicos”. (SPOSITO, 2006, p. 121).

Dado esse caráter, cidade e campo podem ser entendidos como modos distintos de organização da vida social e de reprodução. Singer (2010) quando afirma que a cidade, para poder existir, tem de dominar o campo, para dele extrair um excedente, refere-se à intrínseca relação biunívoca de dependência de um em relação ao outro.

Entretanto, essa distinção entre campo e cidade como formas no espaço tende a explorar o rural e o urbano como conteúdos sociais. Ou seja, como exemplifica Biazzo (2008, p. 139) “expressões como “espaço agrário”, “espaço rural” ou “espaço urbano” deixariam de ser utilizadas indiscriminadamente, na medida em que o uso do território pode ser agrícola, conter traços de sociabilidade adjetivados de rurais, sem torná-lo especificamente “rural””.

Logo, ao demarcamos o que é cidade e urbano, conseqüentemente, afirma-se o que é campo e rural. Estes dois espaços estão intimamente relacionados pela dependência, pois para o bom funcionamento de um, é necessário, no mínimo, a normalidade do outro. Entretanto, é necessário delimitar as funções, sejam econômicas ou sociais, de cada espaço.

Assim, Mota e Schmitz (2002), revelam que a representação dos mundos rural e urbano explicitada pelos atores sociais nos seus movimentos de pertença ou não pertença a determinados grupos significa que existe uma memória social relativa às diferenças existentes entre esses dois mundos. Essa memória, por sua vez, tanto recupera elementos pré-existentes como os cria, oferecendo uma sugestão de delimitação de áreas de pesquisa aos estudiosos do tema. Podem-se relacionar essas representações à criação de um fértil

mercado, associado ao mundo rural, a exemplo das festas de rodeio, agropecuárias, vaquejadas, música sertaneja, forró, etc.

## **2.2 Processo ensino-aprendizagem em espaços não escolares**

As ações extensionistas das Universidades devem ser pautadas na integração entre Sociedade e Universidade, Ensino Superior e Ensino Básico e dessa forma possibilitar tanto ações educativas, quanto cidadãs. De acordo com Anelo e Souza (2012), a educação não formal fundamenta-se no critério de solidariedade e identificação de interesses comuns e é parte do processo de construção da cidadania coletiva do grupo. Assim, os conhecimentos são produzidos considerando os modos de agir em grupo, o resgate de sentimento de autovalorização, a percepção da vida e suas adversidades, o aprendizado e a compreensão do mundo no contexto em que vivem.

Para Verceli (2015), a educação não formal é aquela que se aprende no cotidiano, na relação com diferentes pessoas, pela experiência e em espaços fora da escola, em locais informais onde há processos de interação e intencionalidade na ação, na participação, na aprendizagem e na transmissão e troca de saberes. A educação não formal abre possibilidades de conhecimento sobre o mundo que rodeia os indivíduos e suas relações sociais.

Diante das mudanças tecnológicas o processo de ensino-aprendizagem vem ganhando contornos da incorporação da tecnologia, mas, sobretudo sem deixar de lado as vivências e experiências dos educandos. Um número ainda pequeno de estudos sobre espaços educativos não escolares vem sendo realizado. No entanto, podemos evidenciá-lo como estratégia por parte da Extensão Universitária. Esses espaços educativos se diferenciam do espaço escolar por apresentarem, alguns de forma lúdica e interativa, produtos da experiência social e cultural de um determinado local. Além disso, dependendo do espaço, favorece ao aluno o contato direto com materiais, peças, relíquias, pinturas, esculturas, práticas, formas de trabalho etc, que na sala de aula poderiam não ser visualizados ou apenas visualizados por meio virtual. (VERCELI, 2015).

Anelo e Souza (2012) evidenciam que na educação não formal, os espaços educativos são localizados em territórios que acompanham a vida dos grupos e indivíduos, em locais informais e fora das escolas. A participação é optativa, acontece a partir das preferências e gostos dos sujeitos. O modo de educar é voltado para os interesses e necessidades dos participantes. Por isso, nos pareceu viável utilizar uma freira agropecuária como forma de manifestação do meio rural para atuar junto à comunidade

através de ações extensionistas com vistas a integrar, conscientizar e, sobretudo para ações cidadãs.

Logo, quando os professores procuram espaços que se estendam ao ambiente escolar na tentativa de encontrar um lugar alternativo ao processo ensino-aprendizagem, o que proporcionar se deparar com temas de forma interdisciplinar. Segundo Queiroz *et al.* (2015), verificamos que a educação que acontece nos espaços não formais, compartilha muitos saberes com a escola, muitos dos quais são construídos, a partir das teorias elaboradas pelas ciências da educação (ROCHA & FACHÍN-TERÁN, 2010). Sendo imprescindível, a parceria da escola com outros espaços para se alcançar uma educação científica.

Nesse sentido, pensar nesses espaços com uma prática educativa e de grande significação para professores e educandos. Como caracteriza Queiroz *et al.* (2015), contudo, antes da prática é necessário construir um planejamento criterioso para atender ambos os objetivos – professores e estudantes. No planejamento, deve-se ter atenção, principalmente, com a segurança dos estudantes neste ambiente, para evitar imprevistos e também saber quais os recursos ali existentes que poderão ser utilizados durante a prática de campo com os estudantes. Entre esses espaços podemos considerar: praças públicas, áreas verdes nas proximidades da escola, de lagos e igarapés, feiras agropecuárias, exposições, feiras de negócios, entre outros. Aqui vale ressaltar, a criatividade do professor para reconhecer um espaço em potencial e a sua contribuição científica para a formação dos estudantes.

### **3 - Metodologia**

A metodologia adotada para este estudo foi a participativa. Os métodos adotados foram a pesquisa-ação e a observação participante. Segundo Schmidt (2006), a pesquisa-ação se utiliza da pesquisa participante, à medida que se serve da observação participante “associada à ação cultural, educacional, organizacional, política ou outra”.

A pesquisa participante consiste na inserção do pesquisador no ambiente natural de ocorrência do fenômeno e de sua interação com a situação investigada. A pesquisa-ação promove a participação de integrantes do contexto escolar na busca de solução para os seus problemas, observando, descrevendo e planejando ações (THIOLLENT, 2000).

A relevância deste método de pesquisa e da pesquisa participante em educação é, segundo Freire (1987, p. 178), “interferir na ordem social, uma vez que toda ação cultural é

sempre uma forma sistematizada e deliberada de ação que incide sobre a estrutura social, ora no sentido de mantê-la como está ou mais ou menos como está, ora no de transformá-la”.

Quanto ao material para a criação da *Mini-fazenda*, foram utilizados animais de pequeno porte (mini animais), materiais reciclados e objetos rurais. Como ações desenvolvidas foram abordadas peças teatrais e oficinas, além de atividades para a conscientização ambiental. O projeto foi apresentado na Exposição Agropecuária do Município de Montes Claros (EXPOMONTES), Minas Gerais durante o período 07 a 11 de julho de 2014. (Figura 1).



Figura 1: Folder da *Mini-Fazenda*

O público atendido foi o adulto/infantil com uma significativa participação das pessoas para uma campanha de conscientização, chegando a atingir aproximadamente 30 mil pessoas. Dentre as ações de atuação do projeto destacam-se: a Educação Ambiental e o *Eco design*.

A Educação Ambiental tem como finalidade chamar atenção quanto à importância de preservar o meio ambiente e reaproveitar os resíduos gerados, frutos do consumismo desenfreado pelo qual o mundo atual vem passando. Temas como a escassez dos recursos naturais, somado ao crescimento desordenado da população mundial e intensidade dos impactos ambientais, agravam o conflito da sustentabilidade dos sistemas econômico e natural, e temas ligados ao meio ambiente devem ser discutidos e desta forma, propor novas medidas. Assim durante as sessões (oficinas e peças teatrais) os temas foram apresentados a grupos de cerca de 50 crianças no período tarde/manhã de forma dinâmica e interativa.

O *Eco Design* é uma alternativa para reduzir o impacto ambiental, cujo objetivo é projetar ambientes, desenvolver produtos e executar serviços que de alguma maneira

reduza o uso dos recursos não renováveis ou ainda minimizar o impacto ambiental dos mesmos durante seu ciclo de vida. Isto significa reduzir a geração de resíduo e economizar custos de disposição final. Ligando as técnicas e o conhecimento com o intuito de tornar possível oferecer produtos ecologicamente necessários, foram propostas ações sociais e culturais.

Dentre os materiais para a confecção dos produtos estão: reutilização de pneus, pois estes são produtos muito poluentes, tóxicos e produzidos em larga escala e exige um gasto alto de energia na fabricação, além de degradar o meio ambiente; reutilização de tubos PVC; móveis não mais utilizados, latas de tintas, garrafas *Pets* entre outros materiais; uma preocupação foi com a qualidade e durabilidade, neste sentido foram projetados produtos mais duráveis e que funcionem, a fim de gerar menos lixo; quanto a reutilização/reaproveitamento, os produtos após serem usados em seu ciclo de vida, geralmente são descartados, o projeto viabilizou a reutilização ou reaproveitamento desses produtos para outras funções após seu primeiro uso (decoração, cultivo de plantas ornamentais, cultivo de hortas e paisagismo).

Esses materiais passaram por tratamentos lavagem, secagem, pintura e alguns foram lixados. Até chegar a se torna um produto utilizável novamente. Os produtos foram apresentados na oficina com bom desempenho e avaliação positiva por parte das pessoas, aprovado como sendo produtos utilizáveis. Atualmente o *Eco design* é uma ferramenta de competitividade utilizada pelas empresas nas áreas de arquitetura, engenharia e design, tanto no mercado interno quanto externo, que atende novos modelos de produção e consumo, isso porque contribui para o desenvolvimento sustentável através da substituição de produtos e processos por outros menos nocivos ao meio ambiente.

Durante a noite os temas foram apresentados ao público adulto utilizando de um método mais formal de forma a expor os produtos da oficina e apresentar a proposta e o objetivo com os quais os produtos estavam sendo exposto, respondendo aos questionamentos, dúvidas e dicas, foram sendo compartilhados de como reaproveitar os resíduos gerados em casa para a confecção dos produtos (utensílios com garrafas *pets*, *puff*), hortas verticais, jardins suspensos etc.. Além de debates de temas relacionados à importância de reaproveitamento dos resíduos sólidos.

Assim, a coleta de dados e a interpretação dos resultados foram tratados por incorporação ao referencial teórico e pela pesquisa participante, que assim como outras modalidades de estudos qualitativos, se concretizam na coleta e análise de dados primários empíricos. Ela se ancora na integração entre o pesquisador e o grupo estudado e dessa relação que depende a captação adequada dos dados.

#### 4 - Resultados e Discussão

O projeto “*Mini-Fazenda*” é um projeto de extensão científica que proporciona a interação entre a pesquisa e a prática do que se desenvolve como forma de oferecer serviços e produtos a sociedade. Através das práticas do campo que possa integrar jovens urbanos a sociabilidade rural e a sustentabilidade ambiental.

O projeto foi apresentado na Exposição Agropecuária do Município de Montes Claros (EXPOMONTES), Minas Gerais (**Foto 1 e 2**) conforme os dados da Sociedade Rural, 20.000 mil crianças visitaram o espaço da *Mini-fazenda*, sendo também aberto aos demais visitantes do evento, o que gira em torno de 5.000 mil visitantes por dia. Cujo foco foi o público (infantil) com uma significativa participação das pessoas para uma campanha de conscientização.

Os estudos sobre comunidades rurais quando afirma Oliveira (2005) têm demonstrado que este espaço é permeado por inúmeros elementos presentes no cotidiano rural. Em geral essas comunidades apresentam características que as diferenciam dos agrupamentos presentes no espaço urbano, em termos de organização e de valores culturais. São manifestações da cultura rural que, na maioria das vezes, permanecem nesse ambiente ou até mesmo são levados para a cidade.



**Foto 1:** Entrada da *Mini-Fazenda*, Julho 2014

**Fonte:** Délcio Rocha



**Foto 2:** Mini animais na *Mini-Fazenda*, Julho 2014

**Fonte:** Délcio Rocha

Dependendo da organização e das formas de articulação mantidas pelas comunidades rurais, as atividades desenvolvidas nestas despertam a atenção e o interesse dos habitantes do meio urbano, e cada vez mais, é importante buscar estratégias que vinculem o ambiente com a sua sustentabilidade. Por isso, se fez necessário trabalhar

questões ambientais para conscientizar a população que ambos (urbano e rural) devem ser tratados como meio para garantir a vivência de gerações futuras.

Dentre as ações de atuação do projeto destacam-se: a Educação Ambiental e o *Eco design*. A Educação Ambiental tem como finalidade chamar atenção quanto à importância de preservar o meio ambiente e reaproveitar os resíduos gerados, frutos do consumismo desenfreado pelo qual o mundo atual vem passando. Temas como a escassez dos recursos naturais, somado ao crescimento desordenado da população mundial e intensidade dos impactos ambientais, agravam o conflito da sustentabilidade dos sistemas econômico e natural, e temas ligados ao meio ambiente devem ser discutidos e desta forma, propor novas medidas.

Diante disso, observou-se a necessidade de tais ações, através de oficinas e *mini*-cursos que promovem a interação acadêmica com a sociedade numa troca gradativa de experiências, com foco no bem estar animal e o ambiente, promovendo uma adoção de boas práticas agropecuárias, ocorrendo, portanto uma troca de valores sociais, ambientais, econômicos, culturais, políticos, éticos e científicos.

Assim durante as sessões os temas foram apresentados a grupos de cerca de 50 crianças no período tarde/manhã de forma dinâmica e interativa. Utilizando-se de oficinas e peças teatrais de forma a expor os produtos da oficina e apresentar a proposta e o objetivo com os quais os produtos estavam sendo expostos, respondendo aos questionamentos, dúvidas e dicas, foram sendo compartilhados de como reaproveitar os resíduos gerados para a confecção dos produtos. Além de debates de temas relacionados à importância de reaproveitamento dos resíduos sólidos. De acordo com as ideias de Gonh (2006), na educação não formal os caminhos metodológicos são construídos ou reconstruídos de acordo com os acontecimentos e necessidades do grupo participante.

Com a exposição de *mini* animais pode-se ter contato com animais (vacas, galinhas) para interação e conscientização sobre o bem estar animal e vivenciar e experimentar as atividades desenvolvidas no espaço rural. Para Oliveira (2005), nas relações entre os sujeitos, quando a solidariedade se faz presente nos grupos sociais, ocorre o desenvolvimento da sociabilidade. Dessa forma a sociabilidade é encontrada tanto em comunidades rurais quanto urbanas. A sociabilidade se desenvolve no momento em que há uma neutralização das diferenças entre os indivíduos, mesmo que seja temporária.

Portanto, a educação é inerente à estrutura física da escola, esta não configura o único lugar e nem o ideal para que o processo ensino-aprendizagem possa acontecer. A

educação acontece em diversas etapas da vida, em diversos lugares e em vários momentos. Ela faz parte do processo evolutivo do indivíduo, sua função é mudar e transformar os modos de vida para o melhor.

Pensar em educação na atualidade é redirecionar o ambiente educativo a contextos não escolares. O ambiente educativo pode ser ampliado a vários espaços com a finalidade de vivenciar as espacialidades, as práticas e atingir um público alvo cada vez maior.

Os resultados apontam para uma nova construção de visões e significados sobre a sustentabilidade socioambiental e convivência com o rural. As experiências vivenciadas junto à comunidade mostram o quanto é importante à valorização e o respeito ao ambiente em que se vive. No caso da *Mini-Fazenda* enquanto um espaço da vida cotidiana, esse representa um local onde as formas de sociabilidade estão articuladas com a solidariedade. A sociabilidade é uma forma lúdica de associação, onde os indivíduos, no intuito de cooperarem mutuamente, desenvolvem ações práticas em favor do grupo do qual fazem parte. (OLIVEIRA, 2005).

## 5 - Conclusões

Concluindo, podemos afirmar que a formação do sujeito crítico é tarefa da educação transformadora, emancipatória, tônica de todo este trabalho e só acontecerá com uma mudança na prática educativa ao incorporar o indivíduo como ser social que age sobre o ambiente. Esta educação socioambiental contribui para que tanto os jovens educadores quanto a comunidade, se percebam como agentes críticos do processo de conhecer e transformar pela realidade vivenciada.

Numa comunidade, as relações são mais próximas e completas, enquanto na sociedade as relações são mais distantes, impessoais e baseadas em interesses particulares. Esse fato diferencia uma comunidade de uma sociedade. A sociabilidade pode ser facilmente desenvolvida numa comunidade, ao contrário da sociedade onde as relações são menos intensas. Percebe-se que houve uma interação coletiva gerada por ações sustentáveis.

Considera-se que o exercício da sociabilidade eleva todos os participantes do convívio social a um mesmo patamar, deixando de lado as diferenças existentes. Diante das dificuldades de organização e permanência no ambiente rural, a integração entre a Universidade e as escolas em redes não deixa de ser uma opção de sociabilidade rural,

interação homem ambiente-rural-urbano. Essas redes, por terem um caráter de cooperação entre os indivíduos, apresentam uma forma espontânea de organização, resultando na interação de participantes que buscam o bem estar coletivo da sociedade. Uma vez que foram trabalhados temas que permeiam tanto o urbano quanto o rural, já que ambos são partes complementares.

## 6 - Referências bibliográficas

ANELO, G. P.; SOUZA, A. M. **Aprendizagem no espaço não escolar**. 2012. Disponível em: <[http://facs.ufrj.br/publicacoes/revistas/eped/agosto\\_2012/pdf/aprendizagem\\_no\\_espaco\\_nao\\_escolar.pdf](http://facs.ufrj.br/publicacoes/revistas/eped/agosto_2012/pdf/aprendizagem_no_espaco_nao_escolar.pdf)>. Acesso em 15 de Julho de 2014.

CANDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: José Olympio, 1964.

BLAZZO, P. P. **campo e rural, cidade e urbano: distinções necessárias para uma perspectiva crítica em geografia agrária**. 4º ENCONTRO NACIONAL DE GRUPOS DE PESQUISA – ENGRUP, São Paulo, pp. 132-150, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOHN, M. G.. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. *Ensaio: Aval. Pol. Públ. Educ.*, Rio de Janeiro, V. 14, n. 50, p.27-38, jan/mar. 2006.

MOTA, D. M.; SCHMITZ, H. **Pertinência da categoria rural para análise do social**. *Ciênc. Agrotec.*, Lavras, v.26, n.2, p.392-399, mar./abr., 2002.

OLIVEIRA, A. R. **Sociabilidade, solidariedade e a formação do capital social em bairros rurais**. 2005. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/2/613.pdf>>. Acesso em 13 de Julho de 2014.

QUEIROZ, R. M.; TEIXEIRA, H. B.; VELOSO, A. S.; TÉRAN, A. F.; QUEIROZ, A. G. **A caracterização dos espaços não formais de educação científica para o ensino de ciências**. Disponível em: <<http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiiinpec/resumos/R1579-2.pdf>>. Acesso em 23 de abril de 2015.

SCHMIDT, M. L. S. **Pesquisa participante: alteridade e comunidades interpretativas**. *Psicologia USP [online]*, v. 17, n. 2, p. 11-41, 2006.

SPOSITO, M. E. B. A questão cidade-campo: perspectivas a partir da cidade. In: SPOSITO, M. E. B.; WHITACKER, A. M. (Orgs). **Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural**. São Paulo: Expressão Popular, 2006, p. 111-129.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2000.

VERCELLI, L. C. A. **Estação ciência: espaço educativo institucional não formal de aprendizagem**. Disponível em: <[www.uninove.br/PDFs/Mestrados/Educação/Encontro/24.pdf](http://www.uninove.br/PDFs/Mestrados/Educação/Encontro/24.pdf)>. Acesso em 23 de abril de 2015.

WANDERLEY, M. N. B. **A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas - o “rural” como espaço singular e ator coletivo**. Texto inédito, 2001.